

Consórcio Setentrional de Educação a Distância  
Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás  
Curso de Licenciatura em Biologia a Distância

**ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO ÂMBITO  
ESCOLAR.**

Giselle Ribeiro dos Santos

Brasília  
2011

Giselle Ribeiro dos Santos

**ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO ÂMBITO  
ESCOLAR.**

Monografia apresentada, como exigência parcial para a obtenção do grau pelo Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás no curso de Licenciatura em Biologia a distância.

Brasília  
2011

Giselle Ribeiro dos Santos

**ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES NO ÂMBITO  
ESCOLAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Biologia do Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás

**Aprovado em 11 de junho de 2011**

---

Professora Rosilei Maria Machado Marchese  
Universidade de Brasília  
Orientadora

---

Professora Esp. Aline Gonçalves de Siqueira  
Universidade de Brasília

---

Professor Ms Paulo Franco  
Universidade de Brasília

Brasília  
2011

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por conceder sabedoria e disposição.

A Rosilei Maria Machado Marchese, pela orientação.

A minha família, pelo apoio, compreensão e carinho.

E a todos, que de alguma forma auxiliaram para a efetivação deste trabalho.

*“A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original.”*

*Albert Einstein*

## **LISTA DE SIGLAS**

GO: Goiás.

PCNs: Parâmetros curriculares nacional.

DSTs: Doenças Sexualmente Transmissíveis.

HPV: Papiloma Vírus Humano.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases.

## RESUMO

SANTOS, Giselle Ribeiro. **Orientação sexual para adolescentes no âmbito escolar**. 2011. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Biologia – Universidade de Brasília, Formosa, 2011.

O trabalho objetiva analisar a importância de conter no planejamento escolar ações pedagógicas sobre sexualidade que proporcione a construção da identidade própria do aluno e a erradicação de gravidez precoce e DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis). A adolescência é uma fase de mudanças físicas e psíquicas, tendo a escola e a família o papel de questionar e discutir sobre sexualidade de modo a esclarecer dúvidas, desmistificando crenças e tabus que possam restringir os adolescentes de informações inerentes ao seu corpo. Sobre a eficácia das estratégias de ensino para abordar sexualidade, foi realizada análise do Projeto Político Pedagógico de três escolas do Município de Formosa, a fim de verificar no planejamento ações pedagógicas sobre Orientação sexual e aplicando questionário aos alunos sobre sexualidade para sabermos o real conhecimento que os mesmos têm sobre esse tema. O resultado do questionário demonstrou que os adolescentes possuem pouca informação sobre sexualidade, sendo evidenciados casos de gravidez precoce e DSTs. Este fato evidencia que as escolas e as famílias não estão cumprindo o papel social de formar cidadãos para uma vida sexual preventiva e destituída de tabus.

Palavras-chave: orientação sexual, sexualidade, adolescência, escola, família.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA .....	12
2. EDUCAÇÃO SEXUAL DO CONTEXTO ESCOLAR E FAMILIAR.....	15
2.1. Currículo escolar .....	18
2.2. Papel do educador .....	<b>20</b>
2.3. Família .....	22
3. MATERIAL E MÉTODOS .....	25
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	29
ANEXOS .....	32

## INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é analisar a importância do planejamento sobre sexualidade no contexto escolar com ações pedagógicas capazes de proporcionar a construção da identidade própria do aprendiz e a erradicação dos casos de gravidez precoce e DSTs, valorizando o conhecimento sócio-cultural do mesmo.

A escola é um ambiente heterogêneo, composto por diferentes culturas, crenças e valores, tendo importante papel social na formação do indivíduo. Segundo Libâneo (2005):

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

Sobre a necessidade de trabalhar com a Orientação sexual no ambiente escolar, como tema transversal, com intuito de erradicar os casos de gravidez indesejada e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998) afirmam:

Em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva, e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes.

A escola em sua função social deve definir com coerência os objetivos que pretende atingir com a educação sexual, não cumprindo um papel meramente informativo, mas traçando estratégias de acordo com a clientela atendida numa perspectiva contemporânea. Para Altmann (2001) “o tema Orientação Sexual não tem apenas um caráter informativo, mas, sobretudo um efeito de intervenção no interior do espaço escolar”.

No ambiente escolar, especificadamente, na sala de aula os educadores se deparam com assuntos relacionados com a sexualidade. Este tema muitas vezes torna-se um obstáculo educacional, devido à dificuldade que alguns professores têm de falar sobre o tema e desenvolver ações pedagógicas que auxiliem o aluno a se conhecer biologicamente, prevenir doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, enfim construir sua identidade própria.

De acordo com Souza et. al. (1997):

A sexualidade humana figura-se como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais recusados no universo prático do educador. Entretanto, cada vez mais a escola tem sido convocada a enfrentar as questões relativas ao prazer e aos cuidados que envolvem o sexo.

Como fazê-lo efetivamente, ultrapassando os limites dos conhecidos guias de orientação sexual? E qual o desejável papel da escola perante a sexualidade?

Os questionamentos de Souza refletem uma realidade vivida no cotidiano escolar de muitas instituições, expressando a importância de se ultrapassar os limites das informações convencionais a fim de tornar o processo de aprendizagem mais significativo ao aprendiz.

Além do ambiente escolar a família possui um importante papel na educação sexual, a transmissão de valores morais, que interfere significativamente na formação e construção da identidade do aluno. Em relação à vida sexual não existe um manual capaz de responder a todas as perguntas e fazer com que haja um elo entre a família e o adolescente, mas a partir do diálogo familiar é que as questões sobre sexualidade se tornam significativas e proporcionam a formação adequada e o estabelecimento de limites aos jovens.

Para Costa e Magno (2002):

A educação é um processo que permeia toda a existência humana de forma voluntária ou involuntariamente, todos os indivíduos estão submetidos. A educação sexual particular cabe aos pais a responsabilidade de serem os primeiros e mais importantes agentes no processo educativo. Envolve, também, outras pessoas da família ou não, os irmãos mais velhos, parentes, vizinhos, colegas, amigos, professores.

Como educadora, percebo a necessidade que os alunos possuem de serem orientados sobre sexualidade, devido à incidência de casos de gravidez indesejada e pela falta de informação significativa que atenda as perspectivas desta clientela na escola. Considerando que os PCNs orientam as instituições escolares a trabalhar com a educação sexual como Tema Transversal; e que os professores se deparam com questões de sexualidade em sala de aula; interroga-se: Por que encontramos adolescentes grávidas e/ou com DSTs? Será que a sexualidade está sendo trabalhada de maneira transversal e interdisciplinar? Os educadores protagonistas principais desse processo - estão preparados para abordar sobre sexualidade de maneira planejada, dando abertura para informalidade? Diante dessas indagações realizamos uma pesquisa que analisa o Projeto Político Pedagógico de três escolas do município de

Formosa-GO, a fim de verificar no planejamento ações pedagógicas sobre Orientação sexual; propondo aos alunos a execução de um questionário sobre sexualidade para sabermos a real dimensão de conhecimento que os mesmos possuem sobre este tema.

# 1. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

“A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que está presente desde o momento da concepção, acompanhando o ciclo evolutivo do homem, englobando aspectos biológicos, físicos, emocionais e culturais [...]” (CHEIN et al, 2010)

Entende-se por sexualidade um processo que ocorre de forma gradual na vida do ser humano, permeada por pensamentos, afetos, fantasias, desejos e sonhos. Para Marinho e Shering (2001) “sexualidade é a própria vida que envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura”.

Para Bleier (1999, apud SANTOS e SANTIAGO, 2011) a sexualidade não pode ser considerada como um fenômeno puramente natural, biológico e individual, mas um fenômeno relacional constituído através da convivência com outras pessoas e do aprendizado adquirido, ou seja, é socialmente construída levando em consideração a interação entre a heterogeneidade das pessoas.

De acordo com Couto e Vale (2002):

A sexualidade é tão ampla que se expande por todos os componentes ou aspectos da pessoa sexuada. Alguns a reduzem à genitalidade reprodutiva ou a meros coitos. Não se pode restringi-la ao âmbito dos impulsos genitais, nem se pode descrevê-la pela mera função genital, e muito menos pelo ato sexual, que é uma das múltiplas formas de vivê-la.

A sexualidade está além das dimensões biológicas, expandindo-se pelas relações sociais e pela constituição da identidade própria do indivíduo. “Estamos sugerindo que a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos); com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo)”. (Weekes, 2000)

A adolescência é um período caracterizado por mudanças físicas e psicológicas, tendo o meio um papel fundamental na construção da identidade do indivíduo. “Ser adolescente é deixar de ser criança, ser capaz de pensar sobre si e sobre o mundo, capaz de interferir no mundo e de ... gerar filhos.” (MARINHO E SHERING, 2001)

Para Jardim e Brêtas (2006):

Esta fase tem sido marcada por intensas mudanças no seu comportamento individual e coletivo, o que tem exposto o adolescente a muitos riscos físicos, psíquicos e sociais. Dentre as vulnerabilidades da adolescência moderna podemos citar o desenvolvimento sexual como um tema de extrema importância para nossa atenção e estudo com vista aos problemas que este assunto tem levantado, como a gravidez precoce e a transmissão de DST e do HIV.

Assim, Jardim e Brêtas afirmam que os adolescentes passam por mudanças físicas e sociais, enfatizando a atenção que devemos ter para sexualidade devido aos riscos que correm pela falta de orientação que permita o desenvolvimento sexual saudável.

De acordo com Seixas (1999 apud CIPRIANO et al, 2011):

O indivíduo, nessa fase, está construindo sua identidade própria; e nesta busca, é importante ressaltar que ele pode experimentar uma enorme multiplicidade de identificações, as quais podem ser bastante contraditórias entre si. Essa instabilidade é esperada e até mesmo desejada, porém cabe a seu meio ambiente, em especial a seus pais, estabelecer limites e orientar esse processo investigativo, para que ele seja feito com segurança, sem prejuízos permanentes para a saúde, (...).

Deste modo, Seixas realiza uma reflexão ampla sobre a adolescência, ressaltando a construção da personalidade, redefinindo valores e conceitos, e a importância dos pais em participar desse processo, estabelecendo limites e orientando seus filhos para eventuais experiências sexuais que possam ter na vida.

Segundo Tonatto e Sapiro (2002):

Na adolescência, os jovens, de diversas formas, procuram se inserir no social, através de buscas por identificações no seu meio de convívio, que não estejam mais ligadas ao ciclo familiar. Dessa forma, percebemos a importância que o grupo de pares assume nesse período da vida.

Com relação a isso, podemos notar, por exemplo, a importância que a maioria absoluta dos adolescentes dá para os amigos no que se refere às conversas sobre sexualidade. Quase todos colocam, em momentos diversos, o fato de que os amigos são a grande fonte de esclarecimentos de dúvidas, inclusive sexuais, e o apoio nas horas mais difíceis.

Os adolescentes costumam incluir de forma significativa a participação dos amigos em sua vida pessoal, influenciando nas tomadas de decisões sobre sexualidade e sendo, muitas vezes, os principais precursores da elucidação de dúvidas e discussões sobre este tema. Mas, nem sempre os colegas que informam têm o conhecimento necessário para esclarecer as dúvidas, orientando incorretamente e contribuindo direta ou indiretamente para o surgimento de gravidez indesejada e DSTs.

Para Suplicy (1993):

Quanto ao sexo, o jovem sofre todas as pressões inimagináveis por parte da Igreja, da família e da comunidade, que diz: “não pode”. Do outro lado, ele sofre pressão dos amigos incentivando: “faça, é uma delícia!” Tem TV, onde todo mundo transa com todo mundo. Fora isso, tem o desejo sexual do próprio adolescente. Está tudo ali, explodindo. Todos esses elementos: o desejo, o não, o sim, o medo e agora a AIDS, na qual todos estão pensando –, fazem com que o adolescente fique muito confuso no momento de iniciar a sua vida sexual.

O adolescente sofre várias pressões vindas da religião, família, sociedade que restringi ações voluntárias do corpo e da mente, dificultando o desenvolvimento sexual saudável e a construção de sua própria identidade. Por outro lado, é incentivado pelos amigos a iniciar sua vida sexual, muitas vezes despreparado, acarretando em risco à saúde e a gravidez precoce.

## **2. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR E FAMILIAR**

A adolescência é uma fase de identificação, transição, e ainda, um período passível de conflitos e crises, porém um período de busca pela liberdade, sendo necessária orientação ativa da escola e dos pais na formação social do aluno. Nesta fase o indivíduo busca se conhecer melhor e procurar novas experiências, como a atividade sexual muitas vezes desprovida de orientação preventiva, acarretando em prejuízos a saúde e a gravidez indesejada. (SILVA; SILVA; ALVES 2004 apud CIPRANO et al, 2011)

De acordo com Marinho e Shering (2001) a escola traz os conhecimentos que nos ajudam a entender e enfrentar os desafios da vida! Ela tem um papel muito importante no desenvolvimento da sexualidade dos jovens.

Muitas escolas trabalham a orientação sexual com explicações sobre anatomia e fisiologia reprodutiva, deixando de inserir um contexto mais amplo da sexualidade, que se refere à prevenção de DSTs e gravidez precoce, através de estratégias de ensino informativas e reflexivas que abram espaço para questionamentos e discussões acerca deste assunto, auxiliando o adolescente na busca pela sua identidade própria. Para os PCNs (1997):

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade.

A sexualidade ainda é tratada na escola com pudor e restrição, mesmo diante das mudanças contemporâneas e da gama de estímulos que vemos hoje na mídia, internet, música, etc. Para Santos e Santiago (2008), “implantar e discutir este tema no contexto escolar de maneira realista e efetiva é reconhecer, entre outros aspectos, que os jovens devem se descobrir como sujeitos de suas vidas.”

A escola é o ambiente ideal para trabalhar com temas relacionados à sexualidade, pois é o lugar que o aluno passa o maior tempo, depois de sua casa, e onde encontram colegas e profissionais da educação que possam confiar. Sobre a importância da escola em trabalhar

assuntos relacionados com a vivência dos alunos, informando, mexendo com os preconceitos e conflitos, Suplicy (1993) afirma:

Normalmente, o adolescente não tem espaço para trabalhar seus medos. E a escola é um lugar perfeito para isso. Não há melhor lugar do que a escola. Fora o lar, ali é o espaço mais habitado pelo adolescente, onde ele tem alguém em quem confia, sem ser seu pai ou sua mãe, e com quem pode conversar.

Mas a escola não é proposta, em nenhum momento, como substituição aos pais, pois ela não tem esse papel. O que a escola pode fazer é atuar para informar, mexer com os preconceitos e os conflitos. Ela não transmite moral somente a ética do respeito.

Sobre a finalidade de se inserir a orientação sexual no ambiente escolar, Marinho e Shering (2001) afirmam:

Educação sexual significa acabar com tabus e crendices. Entender as mudanças físicas e psíquicas que acontecem na época da adolescência e abrir espaço para discussões sobre sexo e sexualidade são fundamentais para garantir maior igualdade nas relações entre mulheres e homens e, conseqüentemente, diminuir os casos de jovens portadores do vírus da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, além de reduzir os casos de gravidez na adolescência.

Marinho e Shering (2001) refletem ainda sobre os alunos não serem obrigados a estudar sexualidade como fazem em outras disciplinas regulares, com provas e exames finais. Mas, ressaltam a importância da escola abrir espaço para discussão sobre temas ligados a sexualidade, tendo o educador o papel de mediar esse conhecimento de modo a preparar o aluno para a vida.

Conforme os PCNs (1997):

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados (...), pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem imposição de determinados valores sobre outros.

A sexualidade no âmbito escolar deve enfatizar uma orientação que se propõe a esclarecer dúvidas, contribuir para a formação de valores e identidade, e construção de conhecimento, auxiliando na busca de um caminho que possa ajudar o aluno a desenvolver e exercer sua sexualidade com responsabilidade. (COUTO E VALE, 2002)

Para Figueiró (2009):

[...] a Educação Sexual deve ser entendida em todo seu significado amplo, como um espaço para pensar, que vai muito além das “aulas de biologia e fisiologia do sexo” e, sobretudo, muito, muito além, da visão de que a Educação Sexual se faz, apenas, convidando especialistas palestrantes para fazerem um trabalho pontual, concepções estas adotadas pela maior parte da rede educacional brasileira, desde longa data.

Nesta perspectiva deve-se considerar que a orientação sexual ultrapassa os trâmites de informações biológicas, passando a integrar o cotidiano do aluno como um meio que possibilite questionamentos e reflexões de relevância para a vida.

Segundo a perspectiva de Couto e Vale (2002):

A orientação sexual nas escolas tem como função primária o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e o significado das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um.

A educação sexual deve ser trabalhada na escola com intuito de difundir informações morfológicas e fisiológicas que proporcione a prevenção de DSTs e gravidez precoce e/ou indesejada, promovendo também a formação social do indivíduo em equilíbrio psíquico.

Para Baleeiro et al. (1999):

Do ponto de vista educativo-preventivo, uma escola que promova a saúde tem de buscar o desenvolvimento de pessoas autônomas, capazes de construir um estilo de vida que lhes proporcione equilíbrio e bem-estar físico, psíquico e social, o que implica o cuidado com o corpo, com as relações sociais e com o ambiente.

Para que ocorram resultados significativos com a orientação sexual é necessário que a escola tenha objetivos definidos, com clareza daquilo que se quer alcançar, para desempenhar bem o seu papel social e preventivo, almejando o desenvolvimento intelectual e a erradicação de gravidez e/ou DSTs. Para que esta perspectiva venha fluir é necessário que a escola esteja “livre” de tabus, crenças e preconceitos, dentre outros, que influencie negativamente no processo ensino-aprendizagem dos alunos sobre temas relacionados à sexualidade.

A orientação sexual trabalhada na escola como tema transversal e interdisciplinar, permite ao aluno obter informações além das inerentes ao seu corpo e aos métodos preventivos para uma atividade sexual saudável, mas contempla uma abordagem ampla que

deve ser exposta, esclarecida, questionada e socializada, promovendo a formação de atitudes e comportamentos, numa construção contínua para a vida.

## 2.1 Currículo Escolar

O currículo escolar constitui-se no planejamento de ações didáticas e pedagógicas que serão desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem e que nortearam o professor em suas aulas, objetivando ensinar igualmente a heterogeneidade dos alunos, sem distinção de crenças, raça e cultura.

De acordo com Tonatto e Sapuro (2002):

Entendemos que o currículo, adequadamente construído, deve atender às necessidades dos alunos e professores de compreender a sociedade na qual vivem, favorecendo o conseqüente desenvolvimento de diversas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, que os auxiliem em sua localização dentro da sociedade como pessoas autônomas, críticas, democráticas e solidárias.

Analisando os Projetos Político Pedagógicos de três escolas da cidade de Formosa-GO, notou-se a carência de planejamento e descrição de ações pedagógicas voltadas para a educação sexual. A ausência de documentação que rege a organização e estratégias das propostas educacionais demonstra a despreocupação das instituições escolares em trabalhar com o tema em discussão, deixando claro que não estão cumprindo seu papel na preparação do indivíduo como um ser pleno, talvez devido ao despreparo dos professores ou mesmo por tabus. Questionados direção e coordenação das escolas escolhidas para análise do projeto pedagógico não conseguiram falar sobre a forma de aplicação dos projetos que envolvem temas transversais como sexualidade.

De acordo com Couto e Vale (2002):

[...] a inclusão da Orientação Sexual nos currículos escolares tem sido sistematicamente barrada por forças reacionárias, que consideram que não é assunto de escola, ou acreditam que o assunto está restrito às informações da anatomia do corpo e mecanismo da reprodução.

Planejamento é um conceito amplo que pode ser definido de várias formas, sobre sua importância e finalidade prática Vasconcellos (2000, apud, GAMA; FIQUEREDO, 2011) afirma:

O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para a ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir a tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo.

O planejamento escolar é de grande relevância para nortear o trabalho do educador, nele é importante conter ações didáticas e pedagógicas sobre sexualidade de acordo com a realidade dos alunos e participação da comunidade escolar, abordando o tema em discussão de maneira transversal, dinâmica e interdisciplinar, onde todos contribuam para minimizar os índices de gravidez indesejada e DSTs.

De acordo com Aquino (1997, apud SILVA E SILVA, 2002):

[...] a Orientação Sexual é um processo de intervenção planejado, intencional e sistemático, que inclui o esclarecimento das dúvidas, o questionamento das posições estanques e a resignificação das informações e valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança ou jovem.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

Os estabelecimentos de ensino deverão elaborar e executar o projeto pedagógico, juntamente com o corpo docente que poderão reorganizar sua aplicação conforme as necessidades educacionais da escola; estabelecendo um trabalho sistematizado de caráter específico de cada escola de acordo com a vivência cultural e social dos educandos.

É de grande relevância que o projeto pedagógico seja constituído com a participação dos professores, aperfeiçoando estratégias e/ou criando novas de acordo com a realidade dos alunos, proporcionando o desenvolvimento intelectual e social dos mesmos. Nesta perspectiva, a transversalidade e interdisciplinaridade devem constar no planejamento escolar com temas variados, como a sexualidade, que promova aulas diversificadas e significativas para os aprendizes, formando uma escola que busca uma educação para a vida. Para Tonatto e Sapuro (2002), “para que a transversalidade e a interdisciplinaridade se efetivem, a prática na relação ensino-aprendizagem deve ser re-significada substancialmente.”

## 2. 2 Papel do Educador

O professor é o mediador do conhecimento no processo ensino- aprendizagem. Desta maneira, a ação do professor em propor metodologias diversificadas que contemple discussões sobre sexualidade é fundamental para que o aluno possa elucidar dúvidas e questionar, proporcionando a construção ética do respeito e, conseqüentemente, a formação da personalidade. Para Suplicy (1993) “o professor não deve assumir o papel de legislador. Nesse caso ele é apenas uma das partes que interagem e facilita o processo de orientação sexual.”

O compromisso em orientar os alunos não é só do professor de ciências, mas de todos os educadores durante o processo de aprendizagem. Para Suplicy (1993):

Quem é o orientador sexual? O leigo geralmente diz: “É o de ciências.” Não é. Pelo menos, não necessariamente. Todos devem conhecer um professor de ciências que pula as páginas de reprodução porque tem medo de falar sobre isso. Lecionar ciências não significa em absoluto ser adequado para a orientação sexual. O professor mais adequado é o que já está fazendo isso no corredor, o que já é procurado pelos alunos para conversar sobre esses assuntos.

Os professores se deparam cada vez mais com perguntas, comentários e brincadeiras relacionados com a sexualidade nas salas de aulas. Estas inquietações dos alunos é a expressão da curiosidade pela vida sexual que ultrapassa os conteúdos programáticos de anatomia e fisiologia humana. Nesta perspectiva muitos educadores deixam de trabalhar com a orientação sexual no ambiente escolar como tema transversal, devido ao despreparo em trabalhar com o assunto e também por tabus e crenças, deixando de contemplar os alunos com aulas sistematizadas e significativas, que preencha lacunas e possibilite discussões necessárias.

De acordo com Tonatto e Sapiro (2002):

Os professores, portanto, apesar de perceberem a necessidade de adotar uma maior abertura para o tratamento das questões relativas à sexualidade na escola, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões. Sendo assim, geralmente, acabam por relegá-la a um enfoque totalmente biologizante, que tem a função de preservar o educador frente aos alunos, com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades.

A boa formação do orientador é importante para disponibilizar aos alunos estratégias de ensino que atenda as suas perspectivas sobre temas relacionados a sexualidade. Segundo Figueiró (2009):

A Educação Sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária e importante no processo formativo dos alunos. Muitos deles se preocupam e sentem-se, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante dessa tarefa. Sabemos que todo o processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola. Portanto, é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação.

Nesta perspectiva, existe o reconhecimento, por parte dos professores, de que a sexualidade deve ser trabalhada no ambiente escolar, porém há uma carência nos cursos de licenciado e magistério em preparar o futuro professor para abordar sexualidade na escola, restringindo a aprendizagem do aluno sobre temas relacionados com a sua vivência, contribuindo para incidência dos casos de gravidez indesejada e DSTs.

Para Couto e Vale (2002):

Compreende-se que o fato de lidar com temas ligados à sexualidade envolve uma diversidade de conflitos, ansiedades que influenciam no trabalho do educador. Por isso, a grande dificuldade encontra-se, muitas vezes, na própria formação desses professores que não são preparados para lidar com situações que envolvem a sexualidade.

A prática pedagógica sobre sexualidade a ser desenvolvida deve basear na troca de informações entre educadores e aprendizes de acordo com a realidade da comunidade escolar, pois através do diálogo que se constrói o conhecimento. Assim, o processo de entendimento e compreensão sobre o tema deixa de ser algo distante, passando a integrar a vivência do aprendiz, levando-o a se situar como sujeito da sua história. Para Costa e Magno (2002) “a orientação sexual na sala de aula pode tornar-se um laboratório de possibilidades de expressões de liberdade, permitindo aos alunos adolescentes, o pensar, refletir e avaliar seu comportamento sexual.”

Conforme Couto e Vale (2002):

O trabalho de Orientação Sexual realizado pelo educador deve permitir a participação constante dos educandos, por meio de discussões que privilegiem o posicionamento de cada um quanto ao tema em debate, assim como o levantamento e discussão das dúvidas, das divergências e dos pontos em comum.

A orientação sexual se propõe a lidar com as angústias, confusões, medos e conflitos gerados por pressões da família, religião, comunidade e amigos. E o professor tem o importante papel de abrir espaço em suas aulas para discutir com os alunos temas ligados a sexualidade, para que possam ser esclarecidos as dúvidas e serem informados corretamente. (Suplicy, 1993)

Segundo os PCNs (1997):

O professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem - estar e tranqüilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo melhores condições de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual.

A conduta do professor frente aos questionamentos sobre sexualidade é importância, pois contribui para que os alunos obtenham respostas claras e objetivas que atendam suas perspectivas e possibilite a abertura de espaço para reflexão crítica e discussões.

É importante que todos os profissionais de ensino estejam unidos para desenvolver um trabalho de orientação sexual efetivo. Porém, em muitas escolas o receio em lidar com o tema inicia-se na direção, restringindo os professores em desenvolver ações pedagógicas sobre sexualidade em suas aulas. De acordo com Suplicy (1993):

Os outros profissionais mais diretamente ligados ao ensino, como orientadores educacionais e diretoras, também são peças fundamentais. Sem a colaboração deles o trabalho não progride. Existem muitas diretoras que entram a implementação da orientação sexual na sua escola. Os motivos vão desde interesses políticos (o prefeito não é do seu partido, são contra a administração...) até preconceitos morais.

## **2.3 Família**

A família é “peça” fundamental na formação da identidade própria dos adolescentes. É através dela que os adolescentes adquirem os valores para a vida. Nesta perspectiva, deve auxiliar a escola na orientação sexual para que as informações tornem significativa para os adolescentes, contribuindo para a erradicação dos casos de gravidez precoce e DSTs.

Os adolescentes deparam com questões relacionadas à sexualidade frequentemente e precisam estar informados, principalmente pelos pais, sobre as temáticas

que envolvem este assunto para distinguir bem o certo do errado, possibilitando terem uma vida sexual preventiva e destituída de preconceitos. Para Cano e Ferriani (2000) “[...] os adolescentes estão vivenciando no seu dia a dia situações que envolvem questões ligadas a sexualidade; situações estas que os pais têm dificuldades em aceitar e até mesmo lidar com elas.”

Muitos pais ocultam informações necessárias para uma vida sexual saudável dos adolescentes, impondo crenças e tabus que dificultam a relação com os filhos e contribui para o aparecimento de gravidez precoce e contaminação por DSTs. De acordo com Dias e Gomes (1999):

O contexto em que se estabelecem as conversas entre pais e filhos sobre sexualidade é, em parte, constituído por recordações da vivência familiar dos tempos de juventude. Em suas lembranças, a descoberta e desenvolvimento da sexualidade ocorreram em um ambiente repressor, preconceituoso e obscuro. A família era a principal reguladora da sexualidade e as orientações eram indicações de proibições. As informações recebidas limitavam-se à explicação de regras de conduta e estavam apoiadas em valores que priorizavam a manutenção do sistema familiar. Esses pais não percebiam suas famílias de origem como disponíveis para oferecer informações sobre sexualidade. As informações eram obtidas através de revistas, amigas e colegas de escola, longe dos olhos dos pais. A oportunidade de um diálogo aberto sobre sexualidade era escassa.

Os pais estão cada vez mais preocupados com os filhos, devido às mudanças sociais, culturais e religiosas que ocorrem constantemente no mundo contemporâneo. Porém, os pais se sentem despreparados em informar aos filhos sobre temas diversificados que são fundamentais para formação da personalidade e caráter dos mesmos, como a sexualidade. Essa percepção paternalista está fundamentada em princípios e valores de sua juventude, encontrando dificuldades em transpor de forma correta, atualizada e dinâmica sobre sexualidade com os filhos, deixando este trabalho na maioria das vezes a cargo somente da escola, por acharem que os profissionais da área educacional estão mais preparados para discutir e orientar seus filhos sobre este tema.

Conforme Cano e Ferriani (2000):

[...] embora os pais estejam preocupados com os filhos ante os problemas da sociedade atual, eles sentem que não estão preparados para discutir e dialogar sobre questões consideradas como mais delicadas de serem abordadas o que frequentemente os distancia dos filhos, como as que envolvem a sexualidade. Muitos pais tentam transferir para a escola a tarefa de discutir as questões da

sexualidade com os adolescentes por entenderem que os professores estão mais preparados do que eles para esta discussão.

### **3. MATERIAIS E METODOS**

Neste trabalho realizamos levantamento bibliográfico analisando os métodos utilizados para aplicação de projetos que abordam sexualidade na adolescência em duas instituições escolares públicas e uma particular na cidade de Formosa – GO. Visando obter dados sobre a eficácia das metodologias aplicadas aos alunos, a partir do diagnóstico do Projeto Político Pedagógico e projetos específicos sobre sexualidade. Como diagnóstico da eficiência dos projetos trabalhados, aplicamos questionário (em anexo) aos alunos do Ensino Médio.

Foram aplicados cento e nove (109) questionários (em anexo) sobre sexualidade para alunos do Ensino Médio com faixa etária entre 14 á 23 anos de idade em três escolas do município de Formosa – GO, sendo trinta e oito alunos (38) da 1ª série, trinta e um (31) da 2ª série e quarenta (40) da 3ª série do Ensino Médio. A pesquisa tem como objetivo saber a dimensão de conhecimento dos alunos sobre temas relacionados à sexualidade.

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

Do total de cento e nove questionários aplicados, os participantes quando perguntados se são sexualmente ativos, cinquenta e seis responderam sim e cinquenta e três não; se utilizam métodos contraceptivos, treze responderam sim, nove não e trinta e quatro às vezes, sendo que os principais métodos utilizados são camisinha e anticoncepcional; questionados se conhecem todas as DSTs, sessenta e quatro responderam não e quarenta e um responderam sim, sendo as mais conhecidas a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência adquirida), sífilis, gonorréia, herpes e HPV (Papiloma Vírus Humano); sobre a contaminação por alguma DST, quatro responderam sim e cento e cinco não; se já possuem filhos, vinte e dois responderam sim e oitenta e sete não, sendo que as quantidades descritas variam de um a três filhos; se recebem orientação sobre sexualidade na escola, trinta responderam sim e setenta e nove responderam não; se todos os professores abordam temas sobre sexualidade, sessenta e um responderam não e quarenta e oito alguns; sobre a relação com os pais em discutir sobre sexualidade, sete responderam ótima, trinta e nove boa e sessenta e três ruim; a quem recorrem quando surgem dúvidas sobre sexualidade, seis responderam que são aos pais, oitenta e oito aos amigos, oito aos professores e dois a outros.

A atividade sexual está presente entre os adolescentes, sendo exercida muitas vezes sem uso de métodos contraceptivos, como a camisinha, contribuindo para o aparecimento de gravidez precoce e DSTs. Este fato pode estar relacionado com a falta de informação esclarecedora da escola e da família que atenda as perspectivas contemporâneas da juventude, pois uma quantidade elevada de alunos responderam que não conhecem todas as DSTs e houve casos de gravidez e DSTs nas três escolas pesquisadas, deixando transparecer subjetivamente que está ocorrendo falhas na formação dos adolescentes no meio educacional e familiar.

A orientação sexual deve estar inserida no currículo escolar como tema transversal, porém notar-se que muitas escolas não estão abordando este tema, deixando de discutir, informar e questionar assuntos relacionados à sexualidade que são fundamentais para a formação da identidade própria dos adolescentes, prevenção contra as DSTs e gravidez precoce, e desmistificação de preconceitos sexuais.

O professor tem a função de mediar o conhecimento, abrindo espaço em suas aulas para abordar temas transversais, como a sexualidade, indispensáveis para a plena

formação dos adolescentes. Porém, muitos não estão cumprindo este papel, pois de acordo com os alunos entrevistados grande quantidade de professores não aborda orientação sexual, deixando lacunas expressivas de conhecimento e contribuindo para o aparecimento de DSTs e gravidez precoce.

A família está relacionada com a formação da consciência cidadã dos adolescentes. A boa educação familiar propicia base sólida e segura para o contato com as adversidades sociais, pois transfere valores e condutas indispensáveis para a constituição do caráter dos jovens, favorecendo seu amadurecimento e concepções realistas sobre vida. Desta maneira, faz-se indispensável à participação dos pais na vida sexual dos filhos, orientado de modo a prepará-los para os desafios inerentes a sexualidade. Mas notamos através da pesquisa que uma quantidade expressiva dos adolescentes não possui uma ótima relação com os pais para dialogar sobre sexualidade, deixando transpassar que existe tabus que impede o elo entre pais e filhos em conversarem sobre este tema.

Muitos adolescentes procuram informações em amigos para sanar dúvidas referentes à sexualidade, podendo obter respostas incorretas que contribuem para riscos a saúde e a gravidez precoce. Este fato pôde ser observado nos resultados desta pesquisa, em que oitenta e oito alunos responderam que tiram suas dúvidas com os amigos ao invés de obterem dos pais e professores. Esta problemática pode estar relacionada à falta de estratégias educacionais que possibilite abrir espaços para discussão sobre sexualidade de forma abrangente, sistemática e significativa, para que as dúvidas sejam expostas e esclarecidas; e também pela carência de relação entre pais e filhos em dialogar sobre sexualidade, restringindo-os a informações importantes para seu desenvolvimento psicossocial.

Contudo, é necessária que a escola insira no currículo escolar ações pedagógicas voltadas para uma orientação sexual efetiva, dando oportunidade para discussão e questionamentos sobre assuntos inerentes a sexualidade, preparando os adolescentes para uma vida sexual saudável e desprovida de tabus. Cabendo principalmente a família educar seus filhos para a vida, informando-os sobre a sexualidade em todo seu contexto, com intuito de passar valores e limites que os auxiliem na compreensão das mudanças corporais e psicossociais, estendendo à escola a missão de ancorar os conhecimentos prévios dos adolescentes obtidos na família no desenvolvimento das ações pedagógicas, para que as dúvidas e possíveis equívocos sejam esclarecidos corretamente.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta deste trabalho foi analisar o Projeto Político Pedagógico de algumas escolas para perceber ações pedagógicas desenvolvidas sobre a sexualidade. Bem como a aplicação de questionários aos alunos do Ensino Médio das escolas públicas de Formosa-GO para diagnosticar a eficiência de atividades escolares sobre o tema.

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico, percebe-se que as escolas não têm ações definidas para o desenvolvimento de projetos relacionados à sexualidade. E com os resultados dos questionários fica claro que as escolas não realizam uma orientação sexual que contribua para uma boa formação.

As escolas encontram dificuldades em abordar sobre sexualidade, devido à tabus, mitos e falta de formação adequada dos professores, dificultando a elaboração de estratégias educacionais.

A família constitui papel fundamental na formação do indivíduo, pois transfere valores para vida. Assim, os pais são convocados a participar da orientação sexual dos filhos destituída de tabus e constrangimentos que possam interferir nas informações passadas. No entanto, mesmo percebendo a necessidade de orientar os filhos, os pais se sentem despreparados se omitindo dessa responsabilidade, transferindo esse papel para a escola por acharem que os professores estão mais preparados para essa função.

É imprescindível que haja um elo entre a escola e família para se abordar a orientação sexual de forma adequada à realidade dos adolescentes, erradicando a gravidez precoce e DSTs, e conseqüentemente, melhorando a qualidade de saúde na adolescência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>. Acesso em 9 Mar. 2011.

BALEEIRO, M. C; SIQUEIRA, M. J; CAVALCANTI, R. C. S. **Sexualidade do adolescente: Fundamentos para uma ação educativa** – Salvador: Fundação Odebrecht, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da educação**. Art. 12-14. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 9 Mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANO, M. A. T; FERRIANI, M, G. C. **A família frente a sexualidade dos adolescentes**. Disponível em: [http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13\\_1/pdf/art4.pdf](http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13_1/pdf/art4.pdf). Acesso em 6 Ma. 2011.

CHEIN, M. G; MARISCO, S. N; OLIVEIRA, M. K; MATTOS, Z. M. C; COSTA, L. F; BASSO, B; KAEFER, T. C. **Sexualidade e educação: Construindo ações de intervenção no universo escolar**. Disponível em [http://www.unicruz.edu.br/15\\_seminario/seminario\\_2010/CCHC/SEXUALIDADE%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O-%20CONSTRUINDO%20A%C3%87%C3%95ES%20DE%20INTERVEN%C3%87%C3%83O%20NO%20UNIVERSO%20ESCOLAR..pdf](http://www.unicruz.edu.br/15_seminario/seminario_2010/CCHC/SEXUALIDADE%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O-%20CONSTRUINDO%20A%C3%87%C3%95ES%20DE%20INTERVEN%C3%87%C3%83O%20NO%20UNIVERSO%20ESCOLAR..pdf) Acesso em 8 Abr. 2011.

CIPRIANO, M. A.; FARIAS, M. do C. A. D. de; ABRANTES, M. J. G. de; COSTA, L. A; PEREIRA, G. H. **Sexualidade na escola: Proposta educativa para adolescentes**. Disponível em: [http://www.ufcg.edu.br/~proex/iv\\_enc\\_ext/Artigos/Educacao/SEXUALIDADE%20NA%20ESCOLA%20PROPOSTA%20EDUCATIVA%20PARA%20ADOLESCENTES.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~proex/iv_enc_ext/Artigos/Educacao/SEXUALIDADE%20NA%20ESCOLA%20PROPOSTA%20EDUCATIVA%20PARA%20ADOLESCENTES.pdf) Acesso em 8 Mar. 2011.

COSTA, M. G; MAGNO, V. **Educação sexual nas escolas de ensino fundamental e médio: realidade ou utopia?** Disponível em:

[http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao\\_sexual\\_nas\\_escolas.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao_sexual_nas_escolas.pdf). Acesso em 8 abr. 2011.

COUTO, C. I; VALE, B. M. S. **Puberdade, sexualidade, e escola: Um elo de dúvidas e descobertas.** Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/puberdade\\_sexualidade\\_e\\_escola.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/puberdade_sexualidade_e_escola.pdf). Acesso em 4 Abr. 2011.

DIAS, A. C. G; GOMES, W. B. **Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v4n1/a06v04n1.pdf>. Acesso em 6 Ma. 2011.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Múltiplos temas, compromisso comum.** Disponível em: [http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/Educacao\\_Sexual\\_Multiplos\\_Temas.pdf#page=154](http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf#page=154). Acesso em 17 Abr.2011.

GAMA, A. S; FIQUEREDO, S. A. **O planejamento no contexto escolar.** Disponível em: <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao04/pdf/05.pdf>. Acesso em 9 Mar. 2011.

JARDIM, D. P; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>. Acesso em 6 Ma. 2011.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas estrutura e organização.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

SANTOS, F. R. E; SANTIAGO, L. F. M. I. **Sexualidade na Escola: Do Entendimento dos/as Professores/as à Prática em Sala de Aula.** Disponível em: [http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo\\_04.pdf](http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo_04.pdf). Acesso em 9 Mar. 2011.

**SEXUALIDADE, PRAZER EM CONHECER.** Fundação Roberto Marinho / SHERING, 2001.

SILVA, D. N; SILVA, S. R. **Educação sexual: um desafio pedagógico e familiar.** Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao\\_sexual\\_um\\_desafio.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao_sexual_um_desafio.pdf). Acesso em 8 abr. 2011.

SOUZA, M. C.C. C; GUIRADO, M; PINTO, H. D. S; ALBERTINI, P; MEIRELLES, J. A. B; JUNIOR, A. L; SAYÃO, R; SAYÃO, Y, VIANNA, C; VICENTIM, M. C. G. **Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas.** Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA11&dq=sexualidade+na+escola&ots=zdpF9IEKQn&sig=mOErCR4a8paleLORrgkEAqAae2w#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 16 Abr. 2011.

SUPLICY, M; [et al]. **Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas** – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

TONATTO, S; SAPIRO; C. M. **Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf>. Acesso em 17 Abr. 2011.

WEEKES, J; LOURO, G. L; BRITZMAN, D; HOOKS, B; PARKER, R; BUTLER, J. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf#page=61>. Acesso em 20 Abr. 2011.

## ANEXOS

### Questionário

Idade: \_\_\_\_\_

1. Você é sexualmente ativo?

(    ) Sim                                  (    ) Não

2. Você utiliza métodos contraceptivos?

(    ) Sim                                  (    ) Não                  (    ) As vezes

Qual (s)?

---

3. Você conhece todas as doenças sexualmente transmissíveis?

(    ) Sim                                  (    ) Não                  (    ) Algumas

Cite as que você conhece:

---

4. Você já teve alguma doença sexualmente transmissível?

(    ) Sim                                  (    ) Não

5. Você já possui filhos?

(    ) Sim                                  (    ) Não

Quantos? \_\_\_\_\_

6. Você recebe orientação sobre sexualidade, na escola que estuda?

(    ) Sim                                  (    ) Não

7. Todos os professores abordam temas sobre sexualidade?

(    ) Sim                                  (    ) Não                  (    ) Alguns.

8. Qual é a sua relação com seus pais para discutir sobre sexualidade?

(    ) Ótima                                  (    ) Boa                  (    ) ruim

9. Quando surgem dúvidas sobre sexualidade você recorre a seus:

(    ) Pais                  (    ) Amigos          (    ) Professores          (    ) Outros